

Na parede, o branco, resta: Maura Lopes Cançado e Maria Gabriela Llansol: restante vida e escrita-coisa

Jonas Miguel Pires Samudio

Graduado em Filosofia (2003) e em Teologia (2006). Licenciando em Letras pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). O presente trabalho foi desenvolvido sob a orientação do Prof. Dr. Paulo Fonseca Andrade.
e-mail: alfjonasss@yahoo.com.br

*A escrita,
vê-la escrever-se lucidamente,
é o fundamento deste real*
Maria Gabriela Llansol

Resumo: A pergunta para a origem da escrita e, por conseguinte, para sua destinação, guia grande parte da crítica literária. Com várias respostas, há a reflexão que, aproximando-se da psicanálise de orientação lacaniana, compreende a escrita como apresentação, ou criação, como o véu mais próximo do *real*. Objetivamos, com Maura Lopes Cançado e Maria Gabriela Llansol, refletir sobre a escrita como matéria e forma do viver, como o elemento mais próximo do real e, portanto, longe das noções de representação e de metáfora. Para tanto, colocaremos-nos próximos à relação psicanálise-literatura, conforme Lúcia Castello Branco, e à noção de escrita de Maurice Blanchot, procurando como, a partir do resto – do desejo e das coisas –, constrói-se uma escrita da restante vida que realiza o ato de escrever como proposição de humano.

Palavras-chave: Restante vida. Escrita. Maura Lopes Cançado. Maria Gabriela Llansol

Resumen: La cuestión del origen de la escritura y por lo tanto de su destino, guían gran parte de la crítica literaria. Con respuestas múltiples, hay la propuesta del psicoanálisis lacaniana, que entiende la escritura como una presentación o creación, como el velo más próximo del *real*. Nuestro objetivo, con Maura Lopes Cançado y Maria Gabriela Llansol, pretende reflejar la escritura como una forma de materia viva y, como el elemento más cercano a lo real, lejos de las nociones de representación y metáfora. Por lo tanto, estaremos próximos de las reflexiones de Lúcia Castello Branco y Maurice Blanchot, que comprenden que la escrita construye la *restante vida* como proposición de ser humano.

Palabras-clave: Restante vida. Escrita. Maura Lopes Cançado. Maria Gabriela Llansol.

Era uma vez um animal chamado escrita, ou, como se dá a costura da pele do animal chamado escrita.

A matéria selvagem da escrita, em busca da restante vida, refere-se a uma tentativa de se observar a lucidez do desenrolar-se das letras sobre o papel, de como é possível que do caos circundante – de dor, de loucura, de lixo, de palavras esvaziadas – chegue-se ao lugar habitado por aquilo que, de cada vida, resta escrito, a vida escrita:

a vida escrita é a vida que se escreve, mesmo que não se saiba. Como a lesma que deixa uma gosma viscosa em seu caminho. Como a lágrima que fala em seu silêncio de dor ou alegria. Ou o rápido traço no ar que faz o pássaro, da gaiola ao galho, ao ar que se risca com sua fuga, no movimento-escrita reto ou sinuoso, como letras que se encaminham e se ligam (BRANDÃO, 2006, p.23).

Dessa palavra inicial, pensamos que é possível um texto que se construa a partir das bordas da letra, tal como uma poça de água esvaziada, da qual permanece apenas a forma e a memória de que, antes, havia, ali, a água. Do mesmo modo, uma colcha de pedaços de tecido expurgados, ladrilhos jogados no monturo, pedaços de coisas, coisas em pedaços, postos no fora e transformados, ou melhor, que se tornam palavras pelo esvaziamento daquilo que, nelas, não é fixo, seus significados.

Sair das coisas, chegar às palavras, à palavra que é, ela e só, coisa.

Escrever se parece, pois, com acessar uma materialidade reafirmada tanto pelo gesto escritural, quanto pelo de leitura, como afirma Maurice Blanchot (2011), dizendo que o autor

[...] precisa de formas raras, figuras excepcionais, palavras que, por serem novas, para ele não são palavras. No final, trata-se de uma linguagem reduzida à sua face interior, permeável e indizível, nova e como que inocente. Porém o que um autor escreve é lido pelo leitor. Ora, esse leitor, além de não sofrer a ilusão do autor que pensava tratar-se apenas de um pensamento sem palavras, sofre a ilusão contrária, a de uma linguagem com superabundância de palavras e quase sem pensamento: ele vê apenas palavras insólitas que o embarçam (p. 54).

Lemos, assim, a costura que se faz com linguagem – imagens, sons, sentidos, matéria dura –, nesse tecido que, por vezes, abandonando a cor, a textura, a qualidade de utensílio, é atravessado pela traça, fazendo-se furo, buraco, materialidade esvaziada e, nesse instante, capaz de ser um fino lençol de retalhos que, em paradoxo, cobre e revela o vazio sobre o qual se assenta o desejo de escrita: o vazio vivido, o vazio escrito, o vazio lido, um mistério de letras, diria Blanchot (2011, p. 63), quando “o lado material da linguagem se torna uma porção independente da linguagem, como o é uma palavra”, em que há indicação e abertura ao texto - “o termo ‘indica’ [e] não dizendo nada, não escondendo nada, abre o espaço, abre-o a quem se abre a essa vinda” (BLANCHOT, 2003, p. 20) –, por vir e vinda constantemente anunciados, quase nunca realizados, por que promessa perene de escrita – “Ela *indica* o futuro, por que não fala ainda, lingua-

gem do futuro na medida em que é ela própria como uma linguagem futura, que sempre se antecipa, não tendo o seu sentido e a sua legitimidade senão diante de si, quer dizer, fundamentalmente injustificada” (p. 21).

Partimos dos sentidos, que injustificam as palavras, e chegamos ao corpo selvagem próprio da escrita. Antes de prosseguirmos, anunciamos os passos deste texto – também ele restos e fragmentos, de pensamentos e de imagens – que se seguem: do diário louco de Maura Lopes Cançado, *Hospício é Deus* (1992) adentramos o texto sem fronteiras de Maria Gabriela Llansol, para, por fim, tendo chegado ao fora, ver que

um grande crepúsculo inundava a escrita, e todos os factos e conhecimentos se inscreviam num contexto de máxima originalidade;
eram derrubados,
triturados,
nem o direito, nem o avesso existiam (LLANSOL, 2001, p. 44).

Apenas, e só, a escrita, e a vida que, nela, ganha traços singulares sobre o papel.

O nó da vida que se tece e se destece, articula-se com uma memória dos escombros, do resto – “a literatura é uma acomodação de restos”, afirma contundentemente Lacan (2003, p. 16) – chegando à possibilidade de uma restante vida, da qual o pobre vagabundo é a figura mutante, como sublinha José Augusto Mourão no posfácio ao livro *A Restante Vida* (2001), de Maria Gabriela Llansol.

Para chegar à matéria da escrita há que se partir, pois, daquilo que resta no texto, as palavras, ainda que estas se mostrem em sua face de coisa fragmentária, não-toda, litoral da experiência; pois, com Lacan (2003, p.21-22), sabemos que “é preciso um embalo que só consegue quem se desliga de seja lá o que for que o traça. Entre centro e ausência, entre saber e gozo, há litoral que só vira literal quando, essa virada, vocês podem tomá-la, a mesma, a todo instante”, a borda exerce seu fascínio atrativo – o jogo ao redor do poço, na imagem llansoliana – sobre quem escreve e sobre quem lê.

De restos litorâneos, parece entender Maura Lopes Cançado, a sofredora do ver, em seu *Hospício é Deus* (1992), vida e obra maleáveis, “como o que não está de todo feito” (p.38), onde *loucura* não é resposta, sequer pergunta (CASTELLO BRANCO, 1989, p. 157), é palavra ainda antes de haverem palavras, e, nestas, encontra um lugar de concretude

O pior eram as noites. A tarde começava minha angústia. E a noite me encontrava, pequena e branca de olhos escuros, ardentes, um pedaço trêmulo de medo cintilando pela casa imensa, onde os lampiões iluminavam um pouco de cada aposento, deixando indefinido o espaço entre a luz e o escuro. [...] Deslizava atenta, calada, profundamente séria, à espera. Então ansiava ardente por crescer, viver um pouco cega e surda como as pessoas grandes [...]. Elas, limpas e sem mistério. Eu as olhava do meu mundo, às vezes sua inocência era tão pungente, que talvez desejasse gritar-lhes, alertá-las para o perigo. Como? Se eu era ainda completamente sem palavras. [...] Que perigo para ser expresso em palavras? (CANÇADO, 1992, p.17).

Depois, vendo-se já na altura de escritora e interna do Hospício Pedro II, intensificam-se os gestos daquela que, na infância, procurava pelas pedrinhas mudas do terreiro, para, em vão, comunicar-se (p. 19), como se não houvesse limite entre a memória que deseja comunicar-se e a concretude das pedras mudas, espalhadas, jogadas no quintal da casa da infância, mas sempre presentes pelo texto que, agora, as evoca.

Nesse movimento de escrita realizadora de um amálgama entre a linguagem e a coisa – “os significantes se põem a falar, a cantar sozinhos”, afirma Lacan a respeito da psicose (citado por CASTELLO BRANCO, 2000, p. 29) – parece que a escrita aproxima-se de um anonimato progressivo, “um momento de anonimato universal, uma afirmação bruta, o estupor do face a face no fundo da obscuridade. E, com isso, a literatura exige jogar seu jogo sem o homem que a formou. Agora a literatura dispensa o escritor” (BLANCHOT, 2011, p. 336). O sujeito que escreve, assim, perdendo seu nome, faz-se fragmento de palavras preso àquilo que o veste, pedaços soltos de linguagem, restos de escrita separados do corpo; como diz Maura Lopes Cançado (1992),

gostaria de escrever um livro sobre o hospital e como se vive aqui. Só quem passa anonimamente por este lugar pode conhecê-lo. E sou apenas um prefixo no peito do uniforme. Um número a mais. À noite em nossas camas, somos contadas como se deve fazer com os criminosos nos presídios. Pretendo mesmo escrever um livro. Talvez já o esteja fazendo, não queria vivê-lo.

Sou um número a mais. um prefixo humilde no peito do uniforme. Quando faço, minha voz se perde na uniformidade que nos confunde. Ainda assim falo [...]. A inutilidade do meu falar constante. Cerca-me o Nada. O Nada é um rio parado de olhar perdido. Não creio, se cresse seria bonito. Não creio, e tenho o Nada – e o Hospício (p. 55).

Paradoxalmente, se “as coisas perdidas ou inalcançadas foram as únicas que possui” (p. 25), talvez o movimento da escrita é quem traz a mensagem para quem se faz anônimo a si mesmo, anônimos, aqueles que nada sabem (p. 31-32), pois

estou de novo aqui, e isto é – Por que não dizer? Dói. Será por isso que venho? – Estou no Hospício, deus. E hospício é esse branco sem fim, onde nos arrancam o coração a cada instante, trazem-no de volta, e o recebemos: trêmulo, exangue – e sempre outro. Hospício são as flores frias que se colam em nossas cabeças perdidas em escadarias de mármore antigo, subitamente futuro – como o que não se pode ainda compreender. São mãos longas levando-nos para não sei onde – paradas bruscas, corpos sacudidos se elevando incomensuráveis: Hospício é não se sabe o quê, por que Hospício é deus (CANÇADO, 1992, p. 28).

Para Maura Lopes Cançado resta um papel a desempenhar e em que escrever uma matéria bruta, como afirmaria Maurice Blanchot, “tudo o que é físico tem o primeiro papel: o ritmo, o peso, a massa, a figura, e depois o papel sobre o qual escrevemos, o traço de tinta, o livro” (2011, p. 336). Resta-lhe, pois, o papel que acolhe o silêncio, um silêncio que é uma fenda – “A ruptura, a fenda, o traço de abertura faz surgir a

ausência – como o grito não se perfila sobre fundo de silêncio, mas, ao contrário, o faz surgir como silêncio”, nas palavras de Jacques Lacan (2008, p. 33) – uma fenda na palavra que, a partir de então, está fundida ao vazio da vida, como seu resto. A respeito dessa palavra vazia, diz-nos Maura Lopes Cançado:

sei agora o que significa tudo isso: Esquizofrenia. É uma palavra, mas encerra um inferno e estou nesse inferno. Ou não é inferno? Sinto-me até calma e lúcida, como se o futuro fosse longa estrada – tranquila, calada e só. Não respondo por mim. Jamais respondo, embora ignorando. Viver esquizofrenicamente, me parece viver também; apenas esquizofrenicamente. A cada um seu papel (1992, p. 149).

Da restante vida de Maura Lopes Cançado, essa palavra que recebemos, o hospício que é deus, em que as palavras são anônimas, sublinhamos a escrita como um gesto de escoamento – “a escrita é, no real, o ravinamento do significado, aquilo que choveu do semblante como aquilo que constitui o significante”, explicita Lacan (2003, p.22) – um gesto, tão só e simples, pois “talvez a escrita tenha sido sempre a causa, e não o efeito”, e “o que me desespera é que eu própria não seja um codicilo, um caderno, um livro, onde tudo o que acontece possa, a todo o momento, ser escrito” como afirma Maria Gabriela Llansol (2009, p. 44; p. 27); escrever, esvaziar significados, é um gesto que, também ele, não se explica

Escrever, para mim, é escrever. Quando escrevo história não me exprimo. E, finalmente, escrever é fazer uma coisa com as minhas mãos. As minhas mãos formam coisas, que saem das minhas mãos, do meu pensamento, das minhas recordações. Escrever é aprender a escrever. Escrever é trabalho difícil, é fazer coisas de que, por vezes, não gosto (p. 82).

Com Blanchot, compreendemos que “a linguagem é uma coisa: a coisa escrita, um pedaço de casca, uma lasca de rocha, um fragmento de argila em que subsiste a realidade da terra” (2011, p. 336), como quem diz “a literatura, fazendo-se impotente para revelar, desejaria tornar-se revelação do que a revelação destrói. Esforço trágico. Ela diz: Não represento mais, sou; não significo, apresento” (p. 336-337); talvez, como afirma Lucia Castello Branco, há um texto que não seja representação, mas mostração (2007, p. 244). A escrita é, também, matéria da recusa da vida que, não encontrando significado, apresenta-se como real em que se entra, real em que entramos, agora, com Maria Gabriela Llansol, uma escrita em sua potência selvagem, em seu aspecto de vigor e de singularidade, construtora de temporalidades, esvaziadora de outras:

era uma vez um animal chamado escrita, que devíamos, obrigatoriamente, encontrar no caminho; dir-se-ia, em primeiro, a matriz de todos os animais; em segundo, a matriz das plantas e, em terceiro, a matriz de todos os seres existentes.

Constituído por sinais fugazes, tinha milhares de paisagens,
e uma só face,
nem viva, nem imortal. Não obstante, o seu encontro com o tempo apaziguara a velocidade aterradora do tempo,
esvaindo a arenosa substância da sua imagem (LLANSOL, 1996, p.160).

Um animal selvagem que, antes e depois da chegada daquele que escreve, preside, como matriz, ao real e à sua aparição. Todos os seres, todas as formas de vida são confrontados com a escrita que, com milhares de paisagens, de possibilidades, faz de seus sinais – a letra em seu aspecto coisal, pois “pode-se renomear as coisas, acreditando, quem sabe, que os nomes de fato não são nomes, mas as coisas mesmas” (CASTELLO BRANCO, 2000, p. 22) – a possibilidade de ser uma construção temporal para além do tempo, em que, agora, também este é esvaziado. Escrever, então, não mais é gesto que se contabilize – é um ato manual de costura que se configura como uma batalha pela escrita, esse animal;

Enquanto aplico o entremeio, e ouço a voz que lê, divago:
escrevo coso; escrevo ou coso; quem lê, vela a meu lado; não escrevo; deixo-o escrever. Quem batalha, escreve; quem batalha para alcançar a visão da escrita, talvez tenha a possibilidade de escrever (p. 58-59)

Escrevo coso; escrevo ou coso; quem me fala, ouve a meu lado; mas o ser escrito, que nesse instante lhe aparecera em forma corpórea pela primeira vez, já lhe levava pelos ares o tecido,
para lá da janela,
para lá do desastre da batalha (p. 60).

Agora, assiste-se à consecução da própria restante vida, à vida que resta escrita, o texto do despojamento: de Maura Lopes Cançado, partimos da vida que se perde no delírio fora da escrita, nesta respingando alguns pontos luminosos, com Maria Gabriela Llansol, lemos que a vida é, ela mesma, o sinal escrito de que “o homem será” (LLANSOL, 2001, p.100) quando se tornar o pobre escrevente: “o pobre é um homem que fala pouco [...] ontem, dia 17 de janeiro, pediu-me papel e uma pena e, antes de comer a sopa, escreveu longamente, com uma tal transparência e intensidade que eu sabia, no silêncio da cozinha, o que ele escrevia” (LLANSOL, 1996, p. 39).

A escrita, nesse ponto de jorro, acerca-se do seu próprio silêncio, os fragmentos em que aquilo que se perde, é isso que se escreve:

Não vou perguntar: “quem falta?” Sou eu que falto, o fragmento por que suspiro, e que está suspenso fora de mim. *Eu* que queria ser *ele*, sem poder, como

como um resto de frase
que se esquece (LLANSOL, 2011, p.21).

Aproximamo-nos de Maurice Blanchot, que nos ajuda a olhar a restante vida, a matéria dura da escrita, a própria experiência escrita como o que resta da vida que se escreve, ao dizer-nos que a esperança de alcançar aquilo que se rejeita reside “na materialidade da linguagem, no fato de que as palavras também são coisas, uma natureza, o que me é dado e me dá mais do que compreendo. Ainda há pouco, a realidade das palavras era um obstáculo. Agora ela é minha única chance” (BLANCHOT, 2011, p. 335-336).

Da restante vida, da vida em que se constrói a escrita, este é o contato entre a vida e a obra, o ponto em que, esvaziada de vida, a escrita ganha potência de significação, o impessoal espargindo luz,

quando recusa nomear, quando do nome faz uma coisa obscura, insignificante, testemunha de uma obscuridade primordial, o que, aqui, desapareceu – o sentido do nome – está realmente destruído, mas em seu lugar surgiu a significação geral, o sentido da insignificância incrustado na palavra como expressão da obscuridade da existência, de modo que, se o sentido preciso dos termos se apagou, agora se afirma a própria possibilidade de significar, o poder vazio de dar um sentido, estranha luz impessoal (BLANCHOT, 2011, p. 337).

Desse modo, aproximamo-nos da provisoriedade do fim, deste resto final de texto, levando o “toquinho de lápis emprestado”, de Maura Lopes Cançado (1992, p.32) até o corpo escritural da cena primitiva do texto, com Maria Gabriela Llansol (2009, p. 23):

14 de Fevereiro de 1972

A cena primitiva

A vida eterna não existe.

Sentou-se arranjando as saias, para assistir à produção do texto.

Este texto é um texto que assiste à produção do texto.

Este texto é a cena primitiva do texto.

A mulher não existe, mas é escrita por _____

Referências

BLANCHOT, Maurice. *A parte do fogo*. Trad. Ana Maria Scherer. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

_____. *A besta de Lascaux*. Trad. Silvina Rodrigues Lopes. Lisboa: Vendaval, 2003.

BRANDÃO, Ruth Silviano. *A vida escrita*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2006.

CANÇADO, Maura Lopes. *Hospício é Deus*. São Paulo: Nova Cultural, 1992.

CASTELLO BRANCO, Lucia. *Os absolutamente sós – Llansol – A letra – Lacan*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

_____; ANDRADE, Vania Baeta (org.). *Livro de asas: Para Maria Gabriela Llansol*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

_____; BRANDÃO, Ruth Silviano. *A mulher escrita*. Rio de Janeiro: Casa Maria Editorial/LTC- Livros Técnicos e Científicos, 1989.

LACAN, Jacques. Lituraterra, in: *Outros escritos*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

_____. *O seminário 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Trad. M.D. Magno. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

LLANSOL, Maria Gabriela Llansol. *Uma data em cada mão*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2009.

_____. *A Restante Vida*. Lisboa: Relógio d'Água, 2001.

_____. *Causa Amante*. Lisboa: Relógio d'Água, 1996.

_____. *Inquérito às quatro confidências*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

MOURÃO, José Augusto. Posfácio, in: LLANSOL, Maria Gabriela. *A Restante Vida*. Lisboa: Relógio d'Água, 2001.